

**FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN**  
**SEDE E MUSEU**  
**ENQUADRAMENTO PAISAGISTICO**  
PARQUE DE SANTA GERTRUDES

FCG:SP0-5002-D00025

SP0 00024

**ANTEPROJECTO**

OS ARQUITECTOS PAISAGISTAS

S. Soares Gamalo Teller

PARQUE DE ST<sup>as</sup>. GERTRUDES - ANTE-PROJECTOMemória descritiva

1. A Fundação Calouste Gulbenkian vai construir no Parque de Santa Gertrudes, em Palhavã, os edifícios destinados à sua Sede e Museu.

Resto de um grande jardim privado do princípio do século, hoje integrado na cidade de Lisboa, ocupa o terreno uma superfície, de forma sensivelmente trapezoidal, de 7,5 Ha, por vezes densamente arborizada com exemplares cujo interesse reside sobretudo no porte adquirido. A realização da feira popular durante anos no Parque afectou gravemente toda a vegetação. O andar arbustivo foi praticamente todo destruído. Do arvoredo seriamente afectado resistiram no entanto muitas espécies que trabalho persistente de conservação e protecção tem salvo e valorizado.

2. A solução arquitectónica adoptada e a própria localização e funcionamento dos edifícios encontram-se de tal forma ligados à mancha verde envolvente que é da mais perfeita continuidade entre espaços interiores e exteriores, do seu equilíbrio e harmonia, que surgirá, em última análise, a solução geral do conjunto. Não se trata pois de integrar apenas uma edificação num parque, nem de construir um jardim para servir um edifício.

Há que encontrar de facto uma relação total, de tal forma íntima, entre ambos os elementos que compõem o todo, que a composição abranja a área inteira, que a própria vida do edifício se prolongue naturalmente para as "salas de ar livre" e destas para as interiores.

Como elementos constituintes desse mesmo conjunto, manterá cada um deles as suas características bem definidas sem se misturarem, mas hão-de completar-se mutuamente, valorizando-se tanto no que diz respeito a aspectos estéticos como no que toca à função própria de cada lugar e aos respectivos ambientes.

.../...

Este o princípio fundamental que se pretendeu atingir na solução proposta.

Dentro desta orientação, os maciços e clareiras do parque, bem como a sua topografia criarão perspectivas em íntima relação com os volumes e espaços dos edifícios, uma vez que estes foram também concebidos em função dos elementos verdes mais notáveis.

O plano de arranjo do parque, de sentido perfeitamente actual quanto às técnicas e materiais de construção a utilizar e quanto às funções específicas de cada zona, será de base naturalista. O partido arquitectónico adoptado o exige, a vegetação existente o facilita e o interesse do Fundador pela natureza amplamente o justifica.

Para além da existência do parque como parcela do conjunto, compete-lhe ainda uma série de funções que lhe são próprias e adiante se apontam ao longo desta "Memória".

Dada a carência de espaços verdes de certa importância na cidade e o facto de ser este marginado em três dos seus lados por arruamentos de transito de peões apreciável, estabelece-se um circuito periférico independente, mas sempre que possível protegido da circulação automóvel, com pontos de vista localizados para o interior. Esta circulação periférica de peões é feita num passeio já exterior à área de que a Fundação é proprietária. As possibilidades que, quanto a exemplares existentes e quanto a espécies que poderão introduzir-se, permitem esperar que o novo parque da Fundação desempenhe também papel de certo relevo no desenvolvimento cultural da população. Nesse sentido se procurou uma diversidade da flora compatível com a unidade requerida.

De resto o sentido universalista da cultura portuguesa, aliando nas concepções paisagísticas o gosto botânico do exótico com o respeito pela natureza, numa perfeita integração na paisagem, garante uma atitude de compreensão para a concepção do parque dentro da linha acima exposta.

Compete ainda ao parque funções de protecção e defesa:

- Ocultação de aspectos exteriores que comprometem perspectivas ou destroem ambientes, como é o caso das fachadas dos

.../...

prédios situados nas ruas limítrofes. - Protecção no que respeita à redução da velocidade do vento do quadrante norte que o arvoredado existente acusa nitidamente, ou no que se refere ao ruído do tráfego nos arruamentos que o circundam, sem o que não pode haver o ambiente de intimidade e sossego que se requeira no seu interior.

O acentuar das diferenças de nível actuais cria exposições e microclimas de certo modo diferenciados que são aproveitados no sentido de uma maior valorização de toda a área.

O maciço rochoso profundamente plantado de plantas de flor onde se integra o Auditorium debruçando-se sobre a superfície calma do lago, ou o roseiral que avança da zona sombria e arborizada da mata sobre o relvado batido pelo Sol que em declive suave o liga ao edifício, são exemplares desse modo de proceder.

O traçado largo baseado nos contrastes sombra-luz, árvore-clareira, é procura constante do projecto.

O movimento, traduzido quer no crescimento das plantas, quer nos aspectos diferentes de volume, cor e luz que tomam no decorrer das estações, quer na existência da fauna própria dum parque, quer enfim na presença humana ligada à vida dos edifícios ou na circulação no interior ou na periferia do parque, é também elemento importante a considerar no desenvolvimento do projecto. De igual modo, a luz e sua incidência, projecção de sombras e seus tipos, tal como a iluminação artificial nocturna, são tudo aspectos que merecem estudo e dos quais se pretende enriquecer o conjunto.

3. O terreno do Parque, todo delimitado por arruamentos, excepto a Sul, possui um declive geral no sentido Sul-Norte. A criação de clareiras mais ou menos planas para Sul dos edifícios, indispensáveis à função que desempenham e ao enquadramento daqueles edifícios, conduziu à criação dum socalco de que se tira partido no traçado geral do Parque. Podem demarcar-se desta forma três zonas diferentes que se interpenetram em vários pontos mantendo-se, assim, como convém, a unidade do conjunto: uma zona a Norte fronteira

às edificações, uma outra sensivelmente plana vivendo estreitamente ligada aos edifícios e constituindo para Sul o prolongamento da sua vida, o exterior, e finalmente uma mais livre, que com esta se liga para Sul e constitui a área mais declivosa, coberta e ensombrada por onde se distribuem alguns elementos de interesse do Parque.

A primeira destas zonas comporta-se como a superfície de enquadramento da fachada Norte dos edifícios, com um declive geral regular a partir da Avenida de Berna. Constitue uma extensa clareira periféricamente envolvida por vegetação arbórea em cortina mais ou menos rala de forma a conservar o carácter de intimidade que sempre se deverá defender. Através dela se estabelecem em rampas suaves os acessos aos edifícios e ao parque de estacionamento subterrâneo.

A poente, a faixa junto ao Museu - como aliás no topo Nascente - mantém igualmente características semelhantes servindo já de zona de transição para a mata que se estende a Sul.

Assinala-se como ângulo importante de vista, a abertura sobre o Palácio da Embaixada de Espanha e dessa praça sobre o edifício.

A segunda zona atrás referida, estende-se em declive brando para Sul das construções e compõem-na amplas superfícies relvadas junto ao Museu ligando-se com a zona da sala das exposições temporárias e com o lago que lhe serve de fundo. Uma pequena colina junta que serve de fundo ao auditório estabelece com o relevo e a mata de envolvimento periférico a Poente os limites deste zonamento. Para Nascente, uma área rectangular mais formalizada serve de "foyer" exterior ao auditório sendo envolvida por vegetação arbórea no seu limite Nascente. Esta vegetação penetra no interior da clareira e funciona como pano de fundo através do qual se coa uma liminosidade adequada ao sossego da zona em causa.

É necessário salientar que na modelação de todo o Parque se atendeu à valorização dos mais notáveis grupos arbóreos existentes o que de certo modo permitiu um relevo em parte justificado pela existência daqueles grupos de árvores,

Finalmente, a área restante do Parque a Sul integra-se perfeitamente na zona acabada de descrever. Frente ao relvado que serve o Museu, implanta-se um roseiral (3) talhado em patamares irregulares e isolado da superfície do lago por um cabeço arborizado. O lago, (1) que se espalha suavemente no relvado fronteiro à sala das exposições temporárias é envolvido por margens mais declivosas, por vezes com pedras naturais, nos outros limites. Sobre ele se debruça o palco do anfiteatro ao ar livre (2) cujas bancadas em pedra se dispõem irregularmente dispersando-se para Poente em forma de rocheira plantada (6) onde cabem as herbáceas de cor intensa. Um pequeno regato (4) conduz a água em cascata pelo interior das margens rochosas e mais abruptas.

O cabeço que é limite Nascente do lago (11) serve de fundo ao envidraçado do auditório é enriquecido por uma vegetação de tipo tropical e limita ainda pelo lado oposto uma outra zona onde têm lugar as plantações de espécies ácidas (Azáleas, Rhodendrons, Cameleiros, etc.) (7).

Estes, constituem a faixa marginal do grupo de ulmeiros hoje existente (8). Este maciço arbóreo irá rareando à medida que avança sobre o "foyer" exterior do auditório, proporcionando-lhe o já referido ambiente de sombra. Esta, desenvolve-se sobretudo na zona meridional do terreno, onde a modelação deste, mais movimentada, há-de proporcionar microclimas um tanto diferenciados com as consequentes variações do ambiente. Nesta zona se dispersa a maior rede de caminhos que, envolvendo as áreas mais baixas permitem diversos e variados pontos de vista. Aí se localiza um ou mais grupos escultóricos (9), um aviário em rede de nylon com aves exóticas (10) disposto no interior dum terreiro coberto por arvoredos dispersos, e uma área mais extensa para Poente onde várias formações de mata climace do país dão um grande interesse cultural a esta zona do Parque.

No que se refere à circulação no Parque, esta pode diferenciar-se em pública e privada.

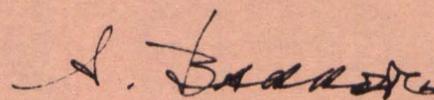
A circulação pública, de peões, verifica-se através de um caminho periférico convenientemente afastado do trá-

fego auto que envolve todo o recinto a Nascente, Norte e Poente. Nela se inclui evidentemente os acessos principais aos edifícios. Como já se disse este caminho periférico percorre terreno já não pertença da Fundação. A circulação privada tem lugar para Sul das construções, por meio de uma extensa rede de caminhos convenientemente hierarquizados que conduzem aos diversos pontos de interesse do conjunto.

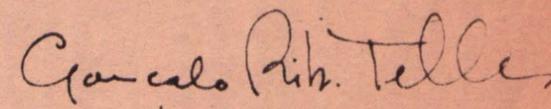
Existem também dois acessos eventuais aos edifícios para serviços urgentes (bombeiros, ambulâncias, etc.) construídos de maneira a não serem evidentes a fim de não cortarem a intimidade do lugar.

A rega prevê-se que seja realizada por um sistema de aspersão: fixo, automático e encastrado no terreno nos relvados; semi-móvel nas zonas de mata e arbustivas.

Este sistema garante uma mais fácil conservação e reveste-se de certos aspectos de que se pode tirar partido estético.



A. Barreto  
Arquitecto-Paisagista



G. Ribeiro Telles  
Arquitecto-Paisagista

PLANO GERAL

